PALAVRA DO GESTOR

JANEIRO 2021

Tamanho não é documento? *Small is beautiful*

Prezados investidores,

Temos a satisfação de, encerrado mais um ano, mostrar resultados de nossos fundos, que batem seus índices de referência (*benchmarks*) por larga margem (alfa). Por que conseguimos isso (mais uma vez)? Acreditamos que são vários os motivos.

Para começar, temos: nosso processo de investimento diferenciado baseado em EVA, ESG e dividendos, que formam nosso trígono de excelência, a qualidade da equipe de investimentos e o tipo de empresas investidas. Desde seu início, o objetivo da Trígono é focar investimentos nas *small caps*. Já comentamos várias vezes as vantagens destas empresas e mostramos que, a longo prazo, são elas que proporcionam os maiores retornos. Gostaria de enfatizar ainda mais a já grande importância do ESG, presente desde quando a Trígono ainda era uma ideia, um embrião.

Já fizemos uma *live* a respeito de *small caps*, desmistificando a crença de que o retorno dessas empresas é maior porque maior é o risco envolvido. Risco depende de quem é o gestor e como ele realiza seus investimentos, não de a empresa ser maior ou menor em valor de mercado.

Algumas grandes gestoras, por não conseguirem atuar nesse nicho – em razão do próprio tamanho, mas também por incapacidade técnica –, abrigam-se na proteção dos índices. Para evitar riscos de performar abaixo dos índices de referência, investem nas empresas maiores e mais líquidas, e explicam a seus investidores que tal escolha se deve ao risco excessivo envolvido nas *small caps*. Será?

Voltamos sete anos, até 30 de dezembro de 2013, para conferir. Verificamos o valor de mercado, à época, de empresas então típicas *small caps* e de outras maiores, fora desse universo:

	30/12/2013	30/12/2020	V*	V**
Droga Raia	R$ 4,9 bilhões	R$ 41,3 bilhões	747%	807%
Lojas Rener	R$ 8,0 bilhões	R$ 34,5 bilhões	332%	381%
Localiza	R$ 7,6 bilhões	R$ 51,8 bilhões	585%	664%
E as large caps?				
Braskem	R$16,7 bilhões	R$ 22,3 bilhões	33,5%	51,2%
BR Foods	R$ 39,8 bilhões	R$ 17,8 bilhões	-55,3%	-52,5%
Oi BR	R$ 156 bilhões	R$ 16,8 bilhões	-89,2%	-89,2%

* Sem dividendos, ** com dividendos

Apresentamos a variação nominal de valor de mercado e, na última coluna, a valorização das ações considerando a adição dos dividendos recebidos no período.

Baseados nestes simples exemplos, é possível dizer que as empresas *small caps* serão de maior risco? Estas são algumas amostras, mas não são nem de longe as únicas. Conferindo: a Petrobras teve valorização de 90% nos sete anos considerados – muito abaixo da das *small caps* apresentadas. A Ambev, símbolo de empresa bem gerida, líder absoluta de mercado, controlado por excepcional grupo de empresários e investidores, rendeu 14,2% em sete anos – e se trata de ação obrigatória em todos os índices e gestores de *large caps*. Ultrapar, cujo nome já enaltece a empresa, considerada uma das de melhor gestão, com negócios de baixíssimos riscos, rendeu negativamente 0,2%, ou zero.

Pois bem: um gestor ou fundo avesso a *small caps* estaria renunciando a estas empresas hoje, e se alguém fizer, daqui a sete anos, o mesmo levantamento que fizemos, a situação se repetirá. Várias *small caps* de hoje terão uma valorização muito maior do que as *large caps* ou *blue chips* atuais. E estaria cheio de Ambev, Ultrapar, Petrobras e BR Foods. Façam a sua escolha.

Um fator bastante importante é o tamanho das gestoras e dos fundos. Basta verificar o desempenho das grandes gestoras para observar que seus fundos não estão entre os de melhor desempenho – o mesmo valendo para os fundos. Quanto maior o tamanho, maior a dificuldade em mudar de posição, com elevado custo de transição, pois a venda ou compra de grandes volumes acabam impactando os preços das ações. Ou seja: quanto menor a liquidez das ações, maior o impacto provocado por grandes operações de compra e venda. Eis porque grandes gestoras e fundos evitam *small caps*. Mas fica mais "lógico" citar o mito do risco.

Podemos também observar fundos que, ao longo de sua história, acumulam excelente desempenho, mas o alfa anual gerado vai-se estreitando à medida que o fundo cresce. Na avaliação da performance, isso acaba por passar despercebido, e os gestores ou fundos que geraram tal desempenho, especialmente nas fases iniciais (quando os fundos eram bem menores e as estratégias bastante diferentes, e até os gestores e equipes de investimento) acumularam uma reputação tal que, mesmo sem desempenho superior em anos mais recentes, continuam a receber o crédito pelo desempenho positivo de anos antes. Lembremos: desempenhos diferenciados no passado não beneficiam os novos investidores em tempos atuais nem, por falar nisso, os antigos que mantêm seus investimentos pela satisfação histórica – estes seguem aquele famoso ditado: em time que está ganhando não se mexe.

A Trígono, desde o início, adota a estratégia de não crescer a qualquer preço e estabelecer capacidade (ou seja: limitar o tamanho dos fundos de acordo com o prazo de resgate). Desta forma, como o Fundo Trígono Flagship Small Caps cresceu rapidamente entre o final de 2019 e o início de 2020, devido ao seu excepcional desempenho (que foi o que motivou grande parte de investidores a entrar e de consultorias e assessores a recomendarem), decidimos fechar o fundo para captação no FIC (Fundo de Investimentos em Cotas) com prazo de resgate de 30 dias e abrir outro, com prazo de 60 dias. O teto de tamanho do patrimônio do fundo estabelecido para 30 dias era de R$ 250 milhões, na nossa avaliação. A pandemia e a crise (e os resgates), no entanto, fizeram com que o fundo mal chegasse aos R$ 200 milhões.

Para investidores não familiarizados com essa estrutura, o FIA (Fundo de Investimento em Ações) abriga as ações numa única carteira. Já o FIC investe nos FIAs. Assim, estes, de 30 ou 60 dias para resgate, investem no mesmo FIA que abriga as ações. Ambos os FICs, portanto, investem na mesma carteira (a diferença fica apenas nos prazos de resgate). À medida que o FIA aumenta seu patrimônio, a gestora, de forma discricionária, pode fechar o FIC para resgate, abrindo ou não um novo com prazo de resgate mais longo. Quando houve o fechamento do FIC D+30 e foi aberto o FIC D+60, os sócios haviam resgatado metade de seus investimentos 30 dias antes do fechamento; com os recursos do resgate, realizaram os investimentos iniciais no novo fundo de 60 dias. Ou seja: patrocinamos o novo fundo, sacrificando nossa liquidez pessoal em benefício dos novos investidores no FIC D+60.

Mas voltemos ao título desta resenha. **Tamanho não é documento**. Há inúmeros exemplos na história, o mais

famoso talvez aquele contado pelo profeta Samuel sobre o pequeno Davi, que desprovido de armadura ou espada derrotou o gigante Golias. Com uma atiradeira, Davi lançou a pedra que acertou a testa de Golias e este, uma vez derrubado, foi por ele decapitado (e, para fazer isso, Davi usou a própria espada do inimigo). Observamos em nosso mercado gigantes serem superados por pequenos. ***Small is beautiful:*** o que isso tem a ver com o Davi bíblico? Muitos de nossos leitores talvez tenham ouvido tal expressão – mas, como já discutimos no caso do "entre mortos e feridos...", a origem e o significado podem não ser familiares.

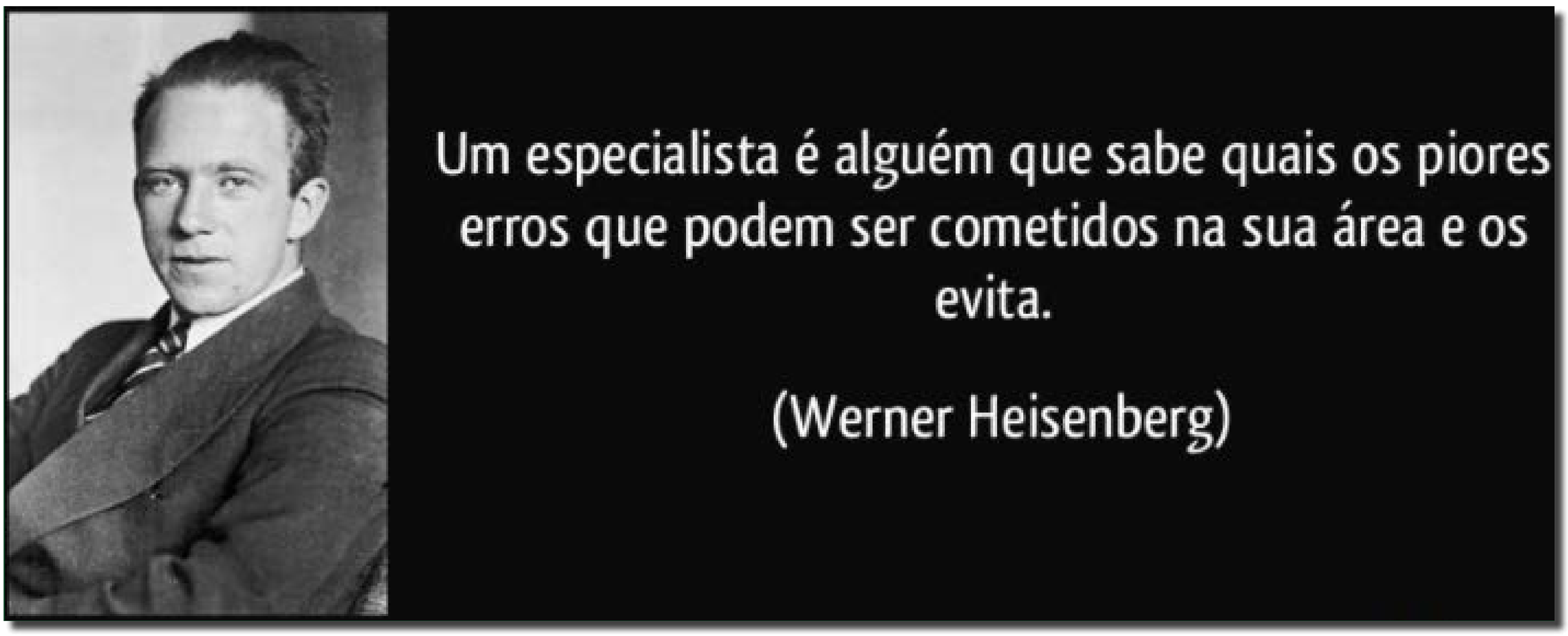
Como nossos leitores já bem conhecem, esclareceremos isso com um pouco de História. Para aqueles menos inclinados às nossas digressões históricas (ou para aqueles que simplesmente não têm tempo neste exato momento), nossas considerações técnicas estão já na próxima parte. Mas acredito (embora, claro, seja suspeito para falar) que a continuação desta leitura será proveitosa e agradável.

A expressão *Small is Beautiful* dá título ao livro de Ernst Friedrich Schumacher (1911-1977) publicado em 1973. Seu subtítulo: *A Study of Economics as if People Mattered*.

No Brasil foi publicado com o título *O negócio é ser pequeno* (sem o subtítulo) em 1979 pela editora Zahar, e a tradução para o português baseou-se na 6ª edição do original, de 1976. O que vamos dizer a seguir tem muita relação com a ESG – mas trata de eventos de pelo menos 70 anos atrás, muito antes de a sigla ser criada, e pasteurizada.

Schumacher nasceu em Bonn em 1911, filho de um professor de política econômica. Estudou inicialmente em Bonn e Berlim e, após receber a prestigiosa bolsa Rhodes (Rhodes Scholarship), em 1930 iniciou a pós-graduação na Universidade de Oxford (Reino Unido) e continuou a estudar na Universidade de Columbia (Nova York, EUA). Nesses lugares, ombreou com alguns dos mais destacados intelectuais, estudiosos e políticos de sua época.

O cunhado de Schumacher foi Werner Heisenberg, que ganhou o prêmio Nobel de Física de 1932 por seus estudos de mecânica quântica – que levaram à descoberta das formas alotrópicas do hidrogênio. Por ocasião da 2ª Guerra Mundial (1939 - 1945), Hitler se interessou pela bomba atômica. Heisenberg, que nunca se filiou ao Partido Nazista e era contra o crescente antissemitismo, pensou em abandonar a Alemanha com a chegada dos nazistas ao poder em 1933, mas seu amigo Max Planck – também ganhador do Nobel de Física (1918) – o convenceu a ficar, de forma a preservar a cultura alemã e sua excelência acadêmica (ambas fortemente golpeadas com a expulsão de intelectuais e cientistas judeus). Em 1957, Heinsenberg participou do desenvolvimento do primeiro reator nuclear alemão e foi diretor do Instituto Kaiser Wilhelm para Física, posteriormente renomeado Instituto Max Planck.

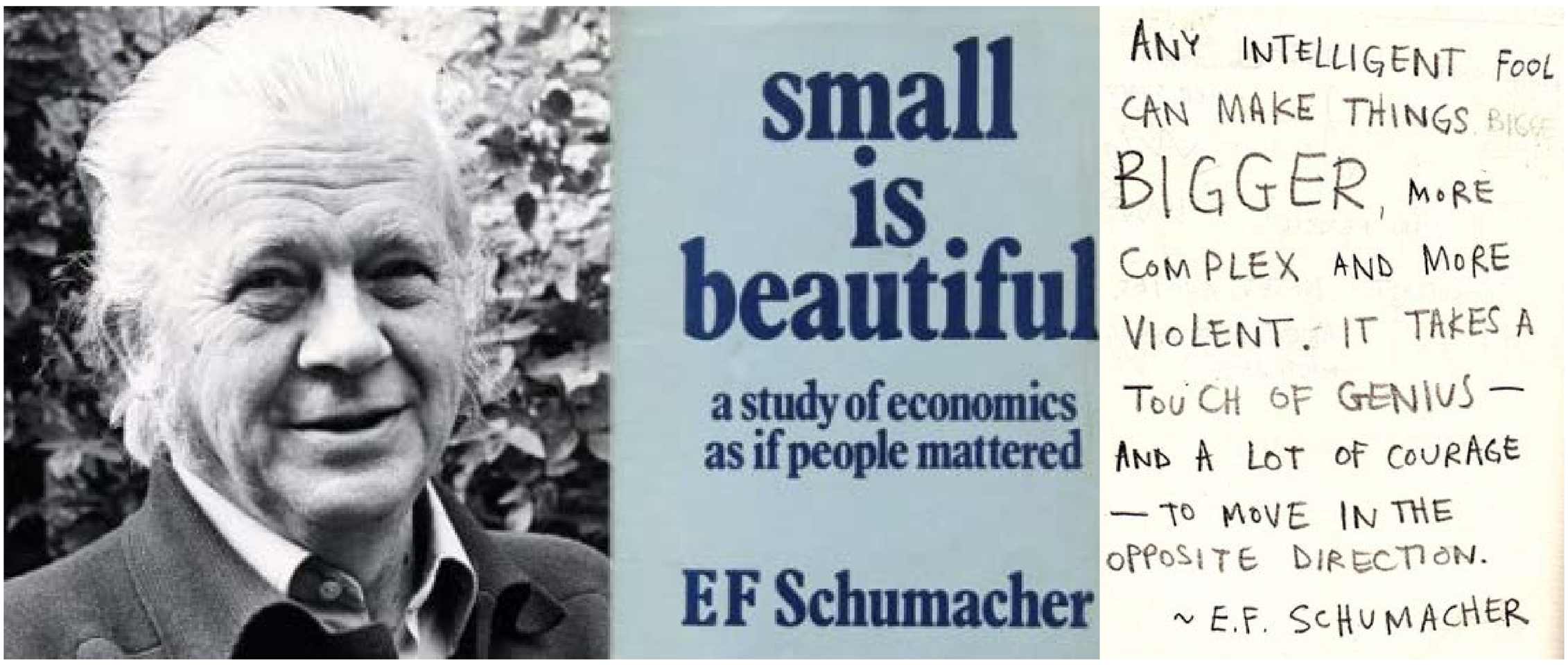


(Que nos perdoe o prezado leitor por nos alongarmos nos fatos históricos, mas Heisenberg tornou-se presidente da Fundação Alexander Von Humboldt, nome da escola em que estudei e que já figurou em uma de

nossas resenhas. Não pude deixar de aproveitar essas conexões para homenagear minha querida escola.)

Voltando ao tema: Schumacher retornou com sua família à Inglaterra em 1937, fugindo da Alemanha hitlerista. Iniciada a 2ª Guerra, Schumacher perdeu o emprego e, por ser alemão, foi preso por três meses. Libertado, viveu os quatro anos seguintes como trabalhado rural – e sem eletricidade, água corrente ou gás. Mas continuou a escrever artigos acadêmicos para complementar sua magra renda.

Um de tais artigos (*Multilateral Clearing*), publicado em 1943, chamou mesmo a atenção de John Maynard Keynes (ele e Schumacher já se haviam encontrado em 1929), de quem falamos em resenhas recentes. O artigo *Multilateral Clearing* trata do sistema de liquidação de operações financeiras envolvendo bancos, agentes, países e bolsas de valores, peças fundamentais no funcionamento da economia do sistema financeiro mundial.
Terminada a guerra, Schumacher teve papel importante como assessor econômico na reconstrução da Alemanha. Entre 1950 e 1970, foi economista-chefe do National Coal Board (Junta Nacional do Carvão) do Reino Unido – uma das maiores organizações na época, que chegou a contar com 800 mil funcionários –, criado com a estatização do setor carvoeiro pelo governo britânico em 1946. Sendo então o aquecimento global um fenômeno desconhecido, Schumacher defendia o uso de carvão como principal fonte de energia do mundo e condenava o petróleo – que, segundo ele, atingiria preços exorbitantes e estava localizado em regiões instáveis e sujeitas a conflitos políticos. Schumacher também previu o surgimento da OPEP e problemas relacionados à energia nuclear. Realmente um visionário.



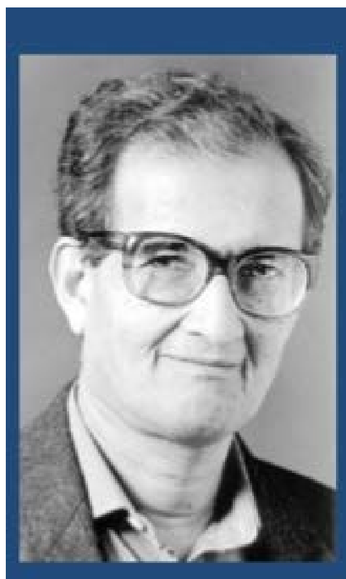
"Qualquer tolo inteligente pode fazer coisas MAIORES, mais complexas e mais violentas. É preciso um toque de genialidade – e muita coragem – para se mover na direção oposta."

Pensando fora da caixa

Em 1955, Schumacher foi a Burma (atual Myanmar) como consultor econômico, onde desenvolveu os princípios da **Economia Budista**.

O nome é exótico, e o conceito também: este seria o estudo da economia com abordagem filosófica e espiritual inspirada na doutrina budista. Era um trabalho, chamaríamos hoje, de "fora da caixa". Mas basta olhar um pouco mais para "dentro da caixa" para ver que ele não é assim tão exótico – na verdade, vai parecendo cada vez mais sensato.

Seu princípio fundamental é a relação entre indivíduo, sociedade e natureza. Schumacher examinou a ansiedade coletiva para satisfazer o desejo de consumo, os conflitos que decorrem da necessidade de produzir para satisfazer o consumo e o esgotamento dos recursos naturais.



"O desenvolvimento humano , como uma abordagem , lida com aquilo que eu considero ser a idéia básica do desenvolvimento: especificamente, o aumento da riqueza da vida humana em vez da riqueza da economia em que os seres humanos vivem, apenas uma parte da própria vida"

Profesor Amartya Sen
Professor de Economía, Universidade de Harvard
Premio Nobel de Economía, 1998

Na última década, a professora de economia Clair Brown, da Universidade da California-Berkeley (EUA), desenvolveu um modelo de avaliação econômica baseado nos conceitos de Economia Budista e no trabalho do indiano Amartya Sem (prêmio Nobel de Economia em 1998). Para Brown, uma economia com boa performance não é apenas aquela que cresce em termos materiais, mas a que é sustentável em termos ambientais e que garante qualidade de vida à população.
Leia a seguir um breve trecho da entrevista de Brown quando do lançamento de seu livro:

Que mais nos poderia dizer sobre economia e bem-estar?

A relação entre o indivíduo e a estrutura macroeconômica é muito importante. O que digo no Buddhist Economics é que cada um deve fazer o melhor que puder: viver de forma consciente, cuidar das pessoas, deixar uma baixa pegada de carbono, e por aí afora (...) Mas a outra coisa que é absolutamente indispensável é cada um erguer-se todos os dias e sempre que vir uma injustiça a ser praticada – como acontece hoje nas questões da imigração e do recuo dos Estados Unidos dos Acordos de Paris –, há que vir para a rua e protestar. É imperativo parar as injustiças contra as pessoas, assim como é imperativo parar os ataques ao nosso planeta. Não podemos simplesmente ficar sentados em casa, satisfeitos em como a vida nos corre bem, porque vivemos num mundo muito mais abrangente. E neste momento temos absolutamente de sair para a rua e obrigar os nossos governantes a políticas que protejam as pessoas e o planeta.

O livro *Small is Beautiful* reúne artigos e conferências proferidas por Schumacher entre 1964 e 1977. O autor, embora defendesse o uso do carvão, aborda muitos dos dilemas e problemas da atualidade, especialmente dos países em desenvolvimento que se defrontam com o suposto antagonismo entre crescer e respeitar o ambiente. Eis alguns de seus pensamentos:

- Defesa da ecologia e combate à poluição sob todas as formas e preservação dos recursos naturais;
- Desenvolvimento regional, em vez de urbanização com a criação de grandes metrópoles e proliferação de favelas em seu entorno;
- Alternativas energéticas, esgotamento de combustíveis fósseis, ameaças da energia nuclear e do lixo atômico;
- Criação de pequenas e médias empresas, revertendo a tendência de desumanização do trabalhador (característica das grandes empresas, nosso comentário nos parênteses);
- Transferência de tecnologia adequada aos países em desenvolvimento, uso de tecnologia intermediária, em oposição à sofisticada, mais apropriadas para países menos desenvolvidos.

Schumacher não acreditava em modelos matemáticos e simulações computacionais para previsões econômicas. Como os recursos são finitos, o crescimento excessivo terá custos ambientais. Ser pequeno, observa o autor no epílogo do livro, é praticar quatro virtudes essenciais:

- Prudência;
- Justiça;
- Fortitude (força, energia);
- Temperança (autocontrole, moderação).

Com elas, defendia, o homem poderá construir um sistema de produção que não violente a natureza e não mutile o ser humano.

Caros leitores, como gestores de fundos focados em *small caps*, estamos alinhados com muitos dos pensa-

mentos elencados nesta resenha. Acreditamos que empresas menores podem ser mais bem geridas, mais eficientes, com menos impactos ambientais; podem ter uma relação mais humanista com seus empregados e suas famílias; e podem adequar-se mais facilmente aos quesitos de ESG. Chegamos a sacrificar a performance de nossos fundos ao evitarmos empresas que, apesar de lucros excelentes e de estarem supostamente muito descontadas, não seguem critérios de sustentabilidade. Não precisamos citar os casos.

O que muitos investidores parecem ignorar é o fato de que, apesar de parecerem baratas, isso não acontece em razão de o mercado ser tolo. É o exato oposto: investidores "antenados", preocupados com o ambiente e com os impactos de suas empresas na sociedade, são os que que se afastam cada vez mais dessas empresas – especialmente das grandes corporações orientadas por "lucros a qualquer preço, inclusive o sacrifício ambiental". O barato hoje poderá estar ainda mais barato amanhã, e o suposto preço justo ou múltiplo histórico ficará cada vez mais distante. E como diz o dito popular: "o barato sai caro".

Desempenho dos Fundos – Dezembro

Dezembro termina com resultados positivos num ano em que navegamos incertezas e volatilidades sem precedentes. Como já mencionamos, por trás do pânico surgiram (várias) oportunidades. Será que o mercado começou a acordar do seu cochilo? Na nossa visão, o desempenho poderia ter sido ainda melhor devido à qualidade dos fundamentos das empresas investidas. Apesar do medo a guiar o comportamento dos investidores, o ano foi de desempenho positivo em todos os nossos fundos, enquanto nossos principais índices de referência (exceto Ibovespa e CDI) permaneceram negativos.

O destaque do ano foram o Trígono Delphos Income, que entregou vantagem (alfa) de 17,5% no ano sobre o índice IDIV, colhendo frutos positivos (altas) por nove meses consecutivos, e com proventos já anunciados, que ainda serão pagos. Em termos de retorno absoluto, o Trígono Verbier foi nossa fita azul (o mais rápido), com 20,1% de retorno em 2020 (alfa de 17,2% sobre o Ibovespa).

Acreditamos que o atual desconto da bolsa brasileira em dólar, somado ao fluxo estrangeiro e à divulgação dos balanços anuais das empresas, aponta para um 2021 com interessante potencial de valorização para as empresas selecionadas e investidas pela Trígono. O elemento surpresa nos resultados de empresas menos conhecidas pelo mercado acaba por agir nos preços das ações na divulgação dos resultados, favorecendo nossos fundos. No entanto, tais pérolas (já muito bem guardadas e cuidadas) não escapam aos nossos detectores de valor. Abaixo, os comentários.

Trígono Delphos Income FIC FIA (CNPJ: 29.177.024/0001-00)

O fundo teve valorização de 10,3% em dezembro e de 16,5% em 2020. Para comparação, o índice referencial IDIV teve ganho de 8,9% no mês e desvalorização de 1% em 2020. Quando comparadas janelas mais longas: o Trígono Delphos teve ganho de 75,3% em 24 meses e de 70,4% desde seu início (26 abril de 2018), ante valorização de 43,7% do IDIV em 24 meses e de 53% nos mesmos dois anos e quase oito meses de existência do fundo.

Muitos setores deram contribuição positiva para este desempenho mensal. Destacamos Concessão e Energia (+5,9%) e Químico (+4,7%). A contribuição negativa veio do setor Industrial – e ainda assim foi apenas marginal (-0,03%).

Os principais eventos a favorecer o desempenho das ações dos setores mencionados foram notícias relacionadas à privatização de empresas do nosso portfólio e à antecipação de dividendos generosos (como comentado na resenha anterior). Tal remuneração acaba incorporada aos preços, o que valorizou muitas ações negligenciadas pelo mercado.

Sobre o setor Químico, a tendência positiva dos preços de *commodities* e a retomada gradual dos indicadores econômicos mundiais têm impactos positivos nos volumes e receitas das principais empresas no segmento.

Além disso, o efeito câmbio favorece nossas principais posições num cenário em que o real permanece desvalorizado, atraindo atenção do mercado e de novos investidores, que começam a perceber que a bolsa brasileira foi a que se mais se desvalorizou no último ano em dólar.

Por fim, acreditamos que a divulgação dos resultados anuais poderá ser um catalisador de fluxos represados. Quanto ao único desempenho negativo, não há fatos relevantes relacionados.

Trígono Verbier FIA (CNPJ: 08.968.733/0001-26)

O fundo teve ganho de 17,8% em dezembro e de 20,1% no ano, contra valorização de 9,3% no mês e de 2,9% no ano do índice referencial Ibovespa. Quando comparadas janelas mais longas: o Trígono Verbier apresentou valorização de 59,5% em 24 meses (contra +35,4% do IBOV), de 114,8% em 36 meses (+55,8% do IBOV) e de 399% em 48 meses (+97,6% do IBOV).

O Verbier, para lembrarmos, mudou sua condição de clube para fundo de investimento em julho de 2018, e já em dezembro de 2017 tinha taxa de administração de 2% e 20% de performance.

As principais contribuições positivas no mês vieram dos setores Comercial (6,7%), Químico (6,4%) e de Concessão e Energia (6,1%). Não houve contribuições individuais negativas relevantes.

Como comentamos antes, o desempenho positivo das ações veio principalmente da reação do mercado à antecipação de dividendos e de notícias relacionadas à privatização de empresas do nosso portfólio. Sobre o setor comercial, empresas cujos negócios são ligados ao comércio e manutenção de componentes para veículos pesados (notadamente marca Scania) se beneficiaram da retomada gradual da economia ao longo do ano, com destaque para agronegócio, mineração e logística. Além disso, seus principais clientes pertencem a setores considerados essenciais durante a pandemia e que conseguiram expandir suas operações ao longo da crise.

Trígono Flagship Small Caps FIC FIA (CNPJ: 29.177.013/0001-12)

O fundo teve valorização de 10,2% em dezembro e de 12,5% no ano, enquanto o índice referencial SMLL teve ganhos de 7,5% no mês e perdas de 0,6% no ano. Quando comparadas janelas mais longas: o Trígono Flagship teve ganhos de 90% em 24 meses e de 118,6% desde seu início (24 abril de 2018); o SMLL, por sua vez, ganhou 57,2% em 24 meses e 61,1% nos mesmos dois anos e oito meses de existência do Flagship – que entregou, assim, vantagem (alfa) de nada menos que 57,5% no período (mais que o dobro do SMLL).

Isso ocorre porque cerca de 98% da composição do fundo não fazem parte do índice SMLL. Ou seja: buscamos empresas menos conhecidas e, em nossa opinião, ainda bastante descontadas em relação ao valor que julgamos justo. Fica demonstrada nossa gestão ativa para arbitrar a má precificação dos ativos pelo mercado, que se encanta com liquidez e nada enxerga além disso. Como temos dito, a questão é a semente muito bem selecionada (e, claro, que seja pouco conhecida), o cultivo adequado e a atenção para o momento certo da colheita.

As maiores contribuições positivas no mês vieram dos setores de Concessão e Energia (+3,8%), Químico (+2,7%), Logística (+1,8%) e Comercial (+1,2%). Não houve contribuições negativas relevantes em dezembro. As altas, como nos casos dos dois fundos já comentados, vieram com a divulgação de dividendos e das notícias sobre privatizações.

Olhando para o horizonte, acreditamos na continuidade dos bons ventos em nossas velas/fundos. Estamos otimistas com os fundamentos das companhias investidas, assim como com a maior estabilidade conjuntural que está por vir. Além disso, algumas companhias devem continuar anunciando dividendos, e aproveitaremos para colher os frutos dessa remuneração, reinvestindo nas melhores alternativas (não necessariamente nas que distribuíram os dividendos). Olhamos sempre para frente. Águas passadas não movem moinhos.

Trígono 70 Previdência FIC FIM (CNPJ: 33.146.130/0001-96)

O fundo (iniciado em 2 de setembro de 2019) teve valorização de 4,3% em dezembro, 7,4% no ano e 25,1% desde seu início – contra variação positiva de 4,5% do CDI no período desde o início do fundo, ou o equivalente a 559% do CDI e de 268% no complicado ano que passou. Consideramos tal retorno em 2020 bastante satisfatório, dado o ambiente desafiador para o mercado de ações (nas quais estão alocados 70% da carteira do fundo).

Sempre vale lembrar 1) que não fazemos *market timing*, que nada mais é que dar chutes sobre o que acontecerá no mercado; e 2) o provérbio atribuído ao lendário personagem do *baseball* Yogi Berra: "É difícil fazer previsões, especialmente sobre o futuro" (a frase não é de autoria dele, mas é quase possível ouvi-lo dizer tais palavras).

As maiores contribuições positivas vieram dos setores de Concessão e Energia (+2,9%) e Logística (+1,5%). O setor Industrial trouxe uma contribuição negativa marginal de -0,26%.

Agradecemos uma vez mais a confiança de nossos investidores. Esperamos poder ter retribuído com o desempenho de nossos fundos e que, no final de 2021 (embora seja muito cedo ainda), possamos celebrar uma vez mais não só bons resultados como o fim desta pandemia.

Werner Roger – gestor
Grabriela Carvalho e Yuhzô Breyer – equipe de investimentos

Trígono CAPITAL
www.trigonocapital.com
Av. Chucri Zaidan, 1550 / 2206-07 | 04711-130 - São Paulo – SP - Brasil